

A divindade do Espírito Santo em Atanásio

The Divinity of the Holy Spirit in Athanasius

D. HENRIQUE DE GOUVÊA COELHO, OSB*

Resumo: Atanásio de Alexandria foi uma figura fundamental nos grandes debates na Igreja do quarto século concernentes à divindade do Filho e do Espírito Santo. Será a preocupação deste artigo verificar os pontos básicos da doutrina de Atanásio a respeito do Espírito Santo. A grande obra de autoria atanasiana sobre o Espírito Santo é uma série de cartas a Serapião, bispo de Thmuis, no Egito. Estas cartas foram escritas por volta dos anos 356/60 em resposta a consultas feitas a Atanásio por Serapião a respeito de um grupo de cristãos de sua diocese que desacreditavam na divindade do Espírito Santo, ainda que mantivessem a divindade do Filho.

Palavras-chave: Divindade. Pai. Filho. Espírito Santo. Criatura.

Abstract: Athanasius of Alexandria was a key figure in the great debates of the fourth-century Church regarding the divinity of the Son and the Holy Spirit. This paper will try to determine the main points of Athanasius's doctrine of the Holy Spirit. His great work on the matter are a series of letters to Serapion, bishop of Thmuis, Egypt. These letters were written approximately in 356/60 as a response to the Serapion's inquiries concerning a group of Egyptian Christians from his diocese who did not accept the divinity of the Holy Spirit, although they believed the divinity of the Son.

Keywords: Divinity. Father. Son. Holy Spirit. Creature.

Introdução

O mistério trinitário, juntamente com o mistério da encarnação, constitui o cerne do cristianismo. Após o último livro do Novo Testamento completa-se toda a revelação do mistério de Deus, embora as verdades de fé não estejam

* D. Henrique de Gouvêa Coelho, OSB é monge e sacerdote do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Doutor em Teologia pela PUC-Rio. E-mail: dhenrique@osb.org.br

sistematizadas. A reflexão sobre elas tem início desde os tempos apologéticos, no segundo século depois Cristo, e continua ao longo dos tempos, formando a Tradição da Igreja.

Manter a ortodoxia da fé não tem sido uma tarefa fácil. Os caminhos da ortodoxia e da heresia nem sempre são reconhecidos nitidamente. De modo que sustentar e defender o monoteísmo de um Deus único, porém trino, e que por isso mesmo torna possível a encarnação de Cristo, sempre foi um grande desafio para os padres da Igreja. Dentre estes está Santo Atanásio, doutor da Igreja, e bispo de Alexandria por 45 anos.

Santo Atanásio viveu durante o século quarto, a época dos grandes debates teológicos em torno do mistério de Cristo que culminariam com o Concílio de Constantinopla, em 381. Atanásio foi um grande nome na luta contra a heresia ariana do seu tempo, tendo deixado muitas obras escritas, entre as quais as quatro cartas a seu amigo e confidente Serapião, bispo de Thmuis, cidade do delta do Nilo, escritas provavelmente entre os anos 356 e 361 durante o seu terceiro exílio.

Estas cartas são uma resposta à preocupação de Serapião diante da posição de alguns cristãos de sua cidade que estavam negando a divindade do Espírito Santo. Por meio delas, Atanásio desenvolve sua doutrina sobre o Espírito Santo, principalmente a demonstração de sua divindade. Estas cartas a Serapião são por este motivo consideradas o primeiro tratado pneumatológico de que se tem notícia.

1 O Espírito Santo na Escritura

O termo combinado “Espírito Santo” já aparece no Novo Testamento. A expressão, que tem diversas ocorrências, foi cunhada para que se a distinguísse da expressão estoica “espírito sagrado”, que identificava as noções de espírito divino e espírito humano.

Encontramos na Sagrada Escritura as bases para a profissão de fé cristã na terceira pessoa da Santíssima Trindade, embora ao longo dos primeiros séculos da história da teologia não se tenha feito um tratado específico sobre o Espírito Santo.

O Antigo Testamento fala no Espírito através do conceito de “*ruah*”, o vento, o ar, o respiro de Deus, indicando a força criadora de Deus que dá a vida, na criação, e a conserva. Dentre as inúmeras vezes em que aparece a

palavra “espírito” no Antigo Testamento hebraico, por três ocasiões aparece a combinação “espírito santo”: Is 63,10,11 e Sl 50,13. Este Espírito do Senhor que se mostra como princípio de força criadora, criando todos os seres, age em toda a história da salvação, inspirando e dirigindo os profetas, dando-lhes discernimento, sabedoria, inteligência, bravura, e encontra sua expressão definitiva no Novo Testamento, em Jesus Cristo.

Este Espírito de Deus também dirigirá o seu Filho, Jesus Cristo, no cumprimento de sua missão. Deste modo encontramos no Novo Testamento várias passagens em que já são mencionados o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e assim, a revelação do mistério da Trindade. Por exemplo, na anunciação do anjo à Maria (Lc 1,35), no batismo de Cristo no Jordão (Mt 3,13-17), e principalmente na fórmula do batismo, quando Jesus instruiu os apóstolos a fazerem novos discípulos batizando-os em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo (Mt 28,19). Este mesmo Espírito dirigirá a Igreja já no seu início.

Nos dois primeiros séculos a fé no Espírito Santo, porém, era vivida na experiência da Igreja, através das verdades professadas na *Regula fidei*, que era uma explicação mais detalhada sobre a profissão da fé batismal, e principalmente na fórmula do batismo, sempre tomada, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

2 Espírito Santo nos primeiros séculos da Igreja

Nos primeiros tempos da vida da Igreja a divindade do Espírito Santo não oferecia grandes problemas porque o debate estava concentrado primordialmente nas relações do Pai com o Filho, tendo em vista que a figura de Cristo é central no cristianismo e também pela preponderância da reflexão sobre o *logos*, iniciada já desde os tempos apologéticos com São Justino. Isto não quer dizer que o Espírito estivesse esquecido da vida quotidiana da Igreja; ao contrário, sempre esteve presente na vida litúrgica, como afirmei acima, através principalmente da fórmula trinitária do batismo.

A afirmação de que Jesus é o Filho de Deus, não um segundo Deus além do Pai, mas um só Deus junto com o Pai, oferece alguma dificuldade para determinados cristãos, no sentido de poderem conciliar a compreensão desse mistério revelado com seus princípios filosóficos. Quanto ao Espírito Santo, não se questionava a sua divindade; o termo espírito na sua mais antiga aceção já indicava sopro, vento, uma força geradora e portadora de energia. Sendo

assim, a experiência de Deus como espírito não constituía algo que causasse problema, pois o sopro de Deus já pairava no momento da criação, dirigia os profetas e ao próprio Jesus e mais tarde a Igreja no seu início. Portanto a origem divina do Espírito Santo não era fonte de nenhum problema nos debates desses primeiros tempos da vida da Igreja.

Esta situação se mantém até cerca da metade do século quarto, quando começam a se fundamentar as afirmações a respeito do Filho, colocando-se então a pergunta: tudo o que se afirmara até então sobre a divindade do Filho valeria também para o Espírito Santo? Após tantas lutas e querelas com relação à divindade do Filho, reiniciam-se os debates, agora em torno da divindade do Espírito Santo, que vão culminar com a solene declaração do Concílio de Constantinopla em 381 acerca da divindade do Espírito Santo.

Contudo, alguns cristãos reconhecendo-se adversários dos arianos, em consonância com o Concílio de Nicéia, ratificavam que o Filho era consubstancial (ὁμοούσιος) ao Pai, mas não aceitavam a divindade do Espírito Santo, considerando-o como uma criatura, como um dos espíritos servidores¹, isto é, anjos, diferindo destes apenas em grau, sendo, desse modo, diferente da essência do Pai e do Filho, uma vez que é uma criatura (κτίσμα). Estes cristãos formam o movimento dos pneumatómacos (πνευματόμαχοι), ou seja, *inimigos do Espírito*, em razão de combaterem contra o Espírito Santo, não aceitando sua divindade, tendo este movimento surgido na Ásia e no Egito, em torno da metade do quarto século. Contra estes combaterá energicamente Santo Atanásio, bispo de Alexandria, argumentando a favor da divindade do Espírito Santo e a sua consubstancialidade com o Pai e o Filho.

3 Contexto histórico dos debates

Passo a analisar precisamente a defesa da divindade do Espírito Santo feita por Atanásio através de suas cartas endereçadas a Serapião, seu amigo, confidente e discípulo, que era também bispo de Thmuis, cidade situada no Baixo Egito, no delta do Nilo. As cartas foram escritas provavelmente durante o seu terceiro exílio, entre os anos 356 e 361, possivelmente num mosteiro egípcio da Tebaida, e podem ser consideradas como um primeiro tratado sobre a terceira pessoa da Trindade.

As cartas a Serapião são em número de quatro. A primeira e mais longa

¹ Hb 1, 14.

contém os argumentos fundamentais sobre a divindade do Espírito Santo; a segunda discorre ainda sobre a divindade do Espírito Santo, porém, a partir da sua igualdade com o Filho; a terceira, que conforme alguns autores seria a continuação da segunda carta, trata da divindade do Espírito Santo através da sua relação com o Filho e, finalmente, a quarta carta é onde o doutor de Alexandria desenvolve alguns temas já expostos na primeira. Ainda na quarta carta é tratada a questão da blasfêmia contra o Espírito Santo, um comentário a Mt 12,31-32. Discute-se entre os estudiosos se esta parte seria um fragmento de uma outra carta acrescentado por um copista ou pelo próprio Atanásio como um apêndice.

Atanásio teve um papel fundamental na teologia e na vida da Igreja do quarto século. Embora seja muito conhecido por sua atuação desde o Concílio de Nicéia nos debates contra os arianos sobre a consubstancialidade do Filho e do Pai, não foi menos importante nas discussões iniciais sobre a divindade do Espírito, como veremos no decorrer deste trabalho. De fato, ele delineou os rudimentos do que seria a futura doutrina pneumatológica e que culminaria na solene definição sobre o Espírito Santo no Símbolo Niceno-constantinopolitano em 381 no Concílio de Constantinopla.

A heresia pneumatômaca tem sua origem em três tendências, conforme narra Sesboüe².

A primeira proveniente da Ásia Menor, do arianismo radical de Aécio e Eunômio, arianos da segunda geração, chamados de *anomeus*, pois defendiam que o Pai, o Filho e o Espírito Santo eram de todo dessemelhantes (ἀνόμοιός) quanto à natureza. O Pai, sendo por natureza não gerado (ἀγέννητος), exclui qualquer possibilidade de consubstancialidade, concluindo-se, assim, que tudo o que é gerado não pode ser Deus. Desse modo, o Filho, tendo sido gerado, seria essencialmente dessemelhante ao Pai. Conforme os *anomeus* o Espírito Santo é a primeira criatura do Filho, tal como o Filho é a primeira criatura do Pai. E tal como o Filho é de um nível inferior ao Pai, o Espírito Santo também é inferior ao Filho e submisso a ele. A posição radical deste grupo alarmou alguns bispos simpatizantes das teses arianas, e por causa disso criou uma divisão entre os arianos.

Desta divisão surge um segundo grupo, de tendência moderada, chamado *omeusianos* ou *semi-arianos*. Esta segunda tendência vinha de Constantinopla, de um grupo de arianos moderados reunidos em torno de Macedônio, bispo de

² B. SESBOÛE, *Storia dei dogma*, p. 238.

Constantinopla e por isso denominados de macedonianos. Este são ortodoxos no que diz respeito ao Filho, mas rebaixam o Espírito Santo à condição de criatura. Este grupo segue o raciocínio de que todas as coisas foram criadas pelo Verbo, conseqüentemente entre elas estaria o espírito, o qual é tratado na Escritura segundo certas qualidades como – bom, santo, forte – as quais são ditas a respeito das criaturas. O Pai é Deus porque é Pai, o Filho é Deus porque é Filho, mas como o Espírito não é nem o Pai nem o Filho, não é, portanto, Deus. Concluem então que o Espírito tem uma natureza inferior ao Pai e ao Filho.

A terceira tendência são os trópicos (τροπικοί), inspirado também eles no arianismo. Trata-se de um grupo de cristãos, provenientes da cidade de Thmuis no Egito, embora fossem, como os macedonianos, ortodoxos com relação ao Filho, não crêem nem admitem a divindade do Espírito Santo³ porque não aceitam que a natureza deste seja em tudo consubstancial à do Pai e à do Filho.

Eles são assim denominados por Atanásio pelo seu modo de interpretar a Sagrada Escritura, possuindo uma inclinação a alterar o significado autêntico da Escritura, e tratar algumas passagens da mesma referentes à pessoa do Espírito como figuras de linguagem (τρόποι), como metáforas⁴. Eles agiam deste modo seja para transformar determinadas passagens da Escritura em seu favor, seja para fugir dos argumentos da Escritura que demonstravam a divindade do Espírito Santo, e assim muitas vezes constroem teorias absurdas sobre a divindade, as quais estão em perfeita consonância com aquelas dos arianos⁵. Segundo o doutor de Alexandria, os trópicos têm o mesmo objetivo dos arianos, ou seja, o de destruir a unidade da Trindade; enquanto os arianos atacavam o Filho, os trópicos atacavam o Espírito Santo, e se afastam dos arianos apenas por questão de estratégia⁶.

4 Atanásio, defensor da divindade do Espírito Santo

As questões sobre a divindade do Espírito Santo não tinham sido colocadas pela primeira geração de arianos, antes da metade do século quarto, e assim estiveram ausentes do concílio de Nicéia, que, referindo-se ao Espírito Santo, utilizou apenas uma única frase “cremos no Espírito Santo”⁷.

³ Carta a Serap. I,17.

⁴ Carta a Serap. I,10.15.

⁵ Carta a Serap. I,29.

⁶ Carta a Serap. I,1.

⁷ DZ 125.

As cartas de Atanásio a Serapião são uma resposta a este, que havia demonstrado sua angústia a Atanásio, por causa de um grave erro contra a terceira pessoa da Santíssima Trindade. Um grupo de cristãos da sua região, embora discordassem dos arianos com relação à divindade do Filho, atacavam o Espírito Santo, basicamente sob dois aspectos, tomados de duas passagens da Escritura.

No primeiro deles, com base em Am 4,13⁸, negavam a divindade do Espírito Santo, não aceitando a sua igualdade de substância com o Pai e o Filho e, portanto, afirmando que se tratava de um espírito criado. O segundo aspecto baseava-se em 1Tm 5,21⁹, identificando o Espírito com os outros espíritos puros criados, os anjos.¹⁰ Admitiam ainda que o Espírito seria um daqueles espíritos servidores mencionados na carta aos hebreus¹¹. Deste modo, reduziam o Espírito a um ser criado e superior aos anjos apenas em um determinado grau¹².

4.1 Primeira objeção: Am 4,13

Passo a analisar o primeiro aspecto. Segundo os trópicos, conforme está escrito na no livro do profeta Amós 4,13, Deus cria o espírito, portanto o espírito é uma criatura.

Os trópicos, detendo-se no termo espírito (πνεῦμα), argumentam que neste versículo do livro do profeta Amós está escrito que Deus cria o espírito, e interpretando este como sendo o espírito de Deus, concluem que o mesmo é criado. Porém, segundo Atanásio, existe neste raciocínio uma má interpretação da Escritura, no fato de não distinguirem uma diversidade de significados para o termo “πνεῦμα”. Os trópicos distinguem quando a Escritura fala em espírito criado referindo-se ao vento ou algum outro ser criado, conforme se lê em Am 4,13, considerando este uso como se estivesse aplicado ao Espírito de Deus¹³.

Atanásio, para fundamentar sua defesa sobre a divindade do Espírito San-

⁸ Am 4,13: “Porque é ele quem forma as montanhas e quem cria o vento, quem revela ao homem seu pensamento, quem faz da aurora trevas e quem caminha sobre os altos da terra: o Senhor dos Exércitos, é o seu nome”.

⁹ 1Tm5,21: “Conjuro-te, diante de Deus e de Cristo Jesus, e dos anjos eleitos que observes estas regras sem preconceito, nada fazendo sem favoritismo”.

¹⁰ Carta a Serap I,10.

¹¹ 1,14: “Porventura, não são todos eles espíritos servidores, enviados ao serviço dos que devem herdar a salvação?”.

¹² Carta a Serap I, 1 (SC 15).

¹³ Carta a Serap. I,3.

to, faz uso de inúmeras citações tanto do Antigo como do Novo Testamento¹⁴. Além de fundamentar-se na Escritura faz também uma argumentação lógica para mostrar diversas contradições e incoerências que podem ser deduzidas a partir de seu raciocínio.

Começando por analisar rapidamente esta argumentação lógica, vemos o doutor alexandrino perguntar aos trópicos: se eles admitem que o Filho seja da mesma substância que o Pai, como pode o Espírito do Filho ser uma criatura? E ainda, se eles não separam o Filho do Pai para salvaguardar a unidade da divindade, porque não maculariam a unidade da divindade ao separarem o Espírito do Filho?

A partir do momento que separam o Espírito do Filho, afirmando que o Espírito é uma criatura, dividem a Trindade, introduzindo no seio da mesma um elemento de uma natureza diferente, e conseqüentemente, ela deixa de ser uma realidade única por possuir mais de uma natureza, ao unir-se uma criatura à natureza divina. Portanto eles pretendem uma quebra da unidade divina, dividindo, assim, a Trindade. Admitem a consubstancialidade do Pai e do Filho, porém, separam o Espírito do Verbo, e assim não temos mais uma trindade, mas sim uma díade. Isto constitui, como afirma Sesboüe, a destruição do mistério trinitário, “fundado sobre o caráter único e inseparável dos três nomes de Deus na Escritura (cf Rm 8,15; 1Jo 4,12-13;16, 14.17; 17,4)”¹⁵.

Atanásio argumenta, porém, baseando em Jo 15,26 que, o que vale para o Filho também vale para o Espírito, o qual procede do Pai. Assim aqueles que negam o Espírito também negam o Filho e o Pai¹⁶. Seguindo o mesmo raciocínio contra a insensatez dos trópicos, Atanásio mostra a incoerência destes, pois, se eles não concordam com os arianos quando estes, ao lerem o livro dos Provérbios¹⁷ identificam a Sabedoria com o Verbo para demonstrar que o Verbo é uma criatura, porque então interpretam Am 4,13 como indicando que o Espírito é uma criatura?

Atanásio chama aqui a atenção para o fato de o profeta nesta passagem não se referir ao Espírito Santo, mas sim a um espírito criado, não ao Espírito, porém à diversidade de espíritos¹⁸. Existe, na Sagrada Escritura, diversos usos do termo espírito, e dentro dessa diversidade, Atanásio formula alguns princí-

¹⁴ Carta a Serap. I,5-6.

¹⁵ B. SEBOÛE História dos dogmas vol II p. 242.

¹⁶ Carta a Serap I, 2.

¹⁷ Pr 8,22: “O Senhor me criou, primícias de sua obra, antes de seus feitos mais antigos”.

¹⁸ Carta a Serap I, 3.

pios para determinar a referência em cada caso particular, encontrando um sinal toda vez que a palavra espírito aparece com artigo definido, ou acrescida de uma outra palavra, como por exemplo, “Espírito *de Deus*”, “*o meu* Espírito”, “Espírito *do Senhor*”, etc. Quando isso acontece, é sinal de que se trata do Espírito Santo¹⁹, não sendo o Espírito Santo nunca tratado na Escritura simplesmente por “espírito”. Atanásio mostra que na referida passagem do profeta Amós o uso do termo espírito não é comparável às diversas outras situações onde o mesmo termo ocorre. Atanásio faz uma longa série de citações tanto do Antigo como do Novo Testamento onde o Espírito Santo é explicitamente indicado²⁰.

Ao contrário, todas as vezes em que a palavra “espírito” aparece sem artigo definido, ou sem a adição de alguma outra palavra, trata-se da diversidade dos espíritos, do espírito do homem, do espírito dos ventos, das brisas, das tormentas, sendo este o sentido que encontramos no texto do profeta Amós citado pelos trópicos.

Atanásio menciona ainda na Escritura uma outra possibilidade; a palavra “espírito” poder ocorrer sem se referir diretamente ao Espírito Santo, mas dizendo respeito às coisas de Deus. Eis dois exemplos deste tipo de ocorrência²¹: “Lançai fora todas as transgressões que cometestes, formai um coração novo e um espírito novo”²² e “Foi ele que nos tornou aptos para sermos ministros de uma Aliança nova, não da letra, e, sim, do espírito, pois a letra mata, mas o espírito comunica a vida”²³.

4.2 Segunda objeção: 1Tm 5,16

Passemos ao segundo aspecto da heresia trópica sobre a não divindade do Espírito Santo, baseada no versículo da primeira carta de São Paulo a Timóteo²⁴. Nesta o apóstolo nomeia Deus e em seguida Cristo, gerando-se a expectativa de o Espírito Santo fosse nomeado em seguida, fosse ele Deus; mas, em seu lugar, o apóstolo nomeia anjos eleitos. Com isso querem os trópicos provar que, se o apóstolo fala em anjos, quando se esperaria que falasse em

¹⁹ Carta a Serap. I, 4.

²⁰ Gn 1,2,6,3; Nm 11,29; Jz, 3,10,11,29,13,24-25,15,14;Sl 50,13; Is,61,1; Ez11,24;Dn 13,44-46;Mq 2,7; Jl 2,28 Zc 1,6; Mt 12,28,28,19;At 1,4,8,17-18.

²¹ Carta a Serap. I,8.

²² Ez 18,31.

²³ IICor 3,6.

²⁴ 1 Tm 5,21: “Conjure-te, diante de Deus e de Cristo Jesus, e dos anjos eleitos, que observes estas regras sem preconceito, nada fazendo por favoritismo”.

Espírito, significa que, ou o Espírito Santo não existe, ou, se existe, é idêntico aos anjos, confirmando sua tese de que o Espírito é um dentre os anjos, ainda que seja superior aos demais, sendo o primeiro entre todas as criaturas. O seu verdadeiro lugar é entre as criaturas, entre aqueles espíritos a serviço do Pai e do Filho. Seguindo o raciocínio dos trópicos, o profeta Zacarias, na passagem em que se refere à visão do candelabro, diz que o anjo falou com ele²⁵, o que significaria que o profeta chama de anjo o inspirador de sua visão, uma vez que inspirar é a função do Espírito.

Os trópicos utilizam para fundamentar a sua tese, segundo Atanásio, a mesma linguagem do gnosticismo, uma das heresias que ofereceu maior perigo para o cristianismo. Neste contexto Atanásio menciona Valentino²⁶, que é proveniente do Egito, tendo nascido em Alexandria por volta do ano 130 e que depois foi a Roma, onde fundou uma escola gnóstica que teve uma influência bastante considerável a partir da segunda metade do segundo século, fazendo numerosos discípulos. Para o gnosticismo, espírito, verbo e anjos são considerados todos como pertencentes à categoria de espíritos; assim, afirmavam que, junto com o Paráclito, foram enviados anjos coetâneos, o que coloca o Paráclito como sendo um dentre os anjos e pertencente à mesma época destes²⁷. Isto significa colocar o Espírito Santo na ordem das criaturas e os anjos na ordem divina, e, portanto, introduzir na Trindade um elemento de natureza estranha.

Atanásio faz mais uma vez uso da Escritura²⁸ para refutar os trópicos e mostrar a inconsistência do seu raciocínio, os quais seguem sempre o mesmo modelo no combate de seus adversários para provar suas teses, tomando uma determinada passagem da Escritura e procurando interpretá-la a seu favor, desviando-a de seu verdadeiro sentido. Atanásio pergunta aos trópicos, para seguir o seu raciocínio, se o apóstolo na passagem citada por eles menciona apenas os anjos, omitindo os arcanjos, os querubins, os serafins, as virtudes, as potestades e as demais categorias de anjos, significando com isso que eles também não existem? O doutor alexandrino menciona duas passagens da Escritura, uma do profeta Isaías: “Chegai-vos a mim e ouvi isto: desde o princípio não vos falei às escondidas, quando estas coisas aconteceram eu estava lá, e agora o Senhor me enviou com o seu espírito”²⁹.

²⁵ Zc,4,5.

²⁶ Carta a Serap. I,10.

²⁷ Carta a Serap. I,10-11.

²⁸ Carta a Serap. I,13.

²⁹ Is, 48,16.

E outra do profeta Ageu:

Agora, pois, sê forte, Zorobabel, oráculo do Senhor. Sê forte Josué, filho de Josedec, grão-sacerdote, sê forte, todo povo da terra, oráculo do Senhor, e trabalhai, porque eu estou convosco - oráculo do Senhor dos Exércitos e o meu espírito permanecerá entre vós. Não temais!³⁰

Nas duas passagens são mencionadas pelos profetas apenas duas pessoas: o Senhor e o seu Espírito. O que significa então a omissão do Filho? Seguindo o raciocínio dos trópicos, deveríamos concluir que, ou o Filho não existe, ou se existe, é um ser criado. Atanásio mostra a inconsistência desta linha de raciocínio dos trópicos.

Fazendo ainda uma acurada leitura da Escritura jamais se encontrará o Espírito Santo sendo chamado de anjo. Este, de acordo com a Escritura, é um espírito servidor, sendo enviado por Deus para trazer uma mensagem ou executar uma missão, de modo que os anjos não agem por sua própria autoridade. Ao contrário, o Espírito Santo realiza o plano de salvação do Pai em união com o Filho. O bispo de Alexandria cita para ilustrar o seu raciocínio a cena da anunciação³¹: “O anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia [...]”³²; “O anjo respondeu: ‘o Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra’”³³.

Os trópicos fazem uso de ainda um texto do Antigo Testamento, do profeta Zacarias, para confirmar sua tese de que o espírito é um dos anjos: “disse-me o anjo que falava comigo”³⁴. Este texto, segundo eles, mostra que o anjo que fala com o profeta é o Espírito.

Atanásio responde a esta objeção afirmando que, mais uma vez, se eles fizessem uma leitura mais atenta do livro de Zacarias veriam mais à frente o mesmo profeta dizer:

E o anjo que falava comigo respondeu-me: ‘Não sabes o que significam estas coisas?’ Eu disse: ‘Não, meu Senhor!’ E ele respondeu-me: ‘Esta é a palavra do Senhor a Zorobabel: ‘Não pelo poder, não pela força, mas sim por meu Espírito’- disse o Senhor dos Exércitos³⁵.

A partir deste texto fica evidente que se trata de duas pessoas diferentes,

³⁰ Ag,2,4-5.

³¹ Serap. I,11.

³² Lc 1,26.

³³ Lc 1,35.

³⁴ Zc 1,9.

³⁵ Zc 4, 5-6.

uma é o anjo que fala ao profeta, o outro é o Espírito de Deus onipotente de quem fala o anjo ao profeta.

Atanásio faz uma comparação dentro da Escritura mostrando a diferença substancial entre o Espírito Santo e os anjos, sobre a qual passo a discorrer³⁶.

Atanásio expõe que todas as vezes em que a Escritura se refere à terceira pessoa da Trindade o faz como Espírito de adoção, Espírito de santificação, Espírito de Deus, Espírito de Cristo, jamais como qualquer nome de anjo, arcanjo ou espírito servidor. O Espírito jamais serve ou realiza alguma tarefa, ao contrário, é o arcanjo Gabriel que serve ao Espírito e ao Verbo, conforme a citação feita acima do Evangelho de Lucas, no momento da anunciação.

O doutor alexandrino continua sua refutação afirmando que os anjos constituem uma multiplicidade, tanto em número quanto em espécie; se o Espírito Santo é um anjo, qual deles está ao lado do Pai e do Filho, no seio da Trindade? Mais uma vez fica evidente a destruição da Trindade, porque considerando as diversas espécies de anjos, teríamos então uma multiplicidade de pessoas divinas.

E, continua Atanásio, se o Espírito Santo é um anjo, no episódio do batismo de Jesus, qual deles desceu sob forma de pomba no Jordão? E ainda: quando o céu se abriu, não se diz na Escritura que desceu um dos anjos eleitos, mas se diz, sim, que o Espírito Santo desceu. Quando Jesus dá o Espírito Santo aos apóstolos, ele diz: Recebei o Espírito Santo.

Se formos ao Antigo Testamento também encontramos diversas passagens citadas por Atanásio onde fica atestado a distinção entre Espírito Santo e os anjos³⁷, por exemplo, no livro do Êxodo³⁸, quando o Senhor promete a Moisés enviar um anjo para guiar o povo no deserto a caminho da terra prometida. Moisés, sabendo que anjos são criaturas, recusa seguir sob o comando de uma criatura, porque sabia que o povo não lha escutaria. Moisés aceita seguir pelo deserto apenas se o próprio Deus for o guia. O Senhor aceita e Moisés será sempre reconhecido por esta grande honra que o Senhor concedeu a seu povo, de Ele mesmo ser o guia do povo no deserto. Sabemos que quem conduziu o povo no deserto foi o Espírito Santo, conforme nos atesta o profeta Isaías³⁹.

³⁶ Carta a Serap I,11.

³⁷ Carta a Serap. I,12.

³⁸ Ex33,1-2.15.17-18.

³⁹ Is 63,11-13 “Mas depois se lembrou dos tempos antigos, de Moisés seu servo. Onde está aquele que os fez subir do mar, o pastor de seu rebanho? Onde está aquele que pôs o seu Espírito Santo no seio do povo? Aquele que acompanhou à destra de Moisés com seu braço glorioso, que

Poderíamos enumerar ainda outros exemplos provenientes da Escritura, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, onde fica evidente a distinção entre o Espírito Santo e os anjos. O doutor alexandrino conclui o Espírito não é um anjo, nem um espírito criado, mas faz parte do próprio Deus, é a terceira pessoa da Trindade.

Referências

- ATHANASE. *Lettres à Sérapion*, I-IV. Paris : du Cerf, 1947. (SC 15)
- BOLGIANI, F. La théologie de l'Esprit Saint - De la fin du I^o siècle après Jésus Christ au Concile de Constantinople (381). *Les Quatre Fleuves*, 9, p. 33-72, 1979.
- GIULIANI, G. *Divinità e processione dello Spirito Santo in Santo Atanasio*. Roma: 1950.
- GOMES, C. F. *A doutrina da Trindade eterna – O significado da expressão “três pessoas”*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1979.
- KANNENGIESSER, Ch. Athanasius of Alexandria and the Holy Spirit between Nicea and Constantinople I. *The Irish Theological Quartely*, 48, p. 178, 1981.
- MANRIQUE, A. La pneumatología en torno a Nicea. *Etrin*, 8, p. 375-405, 1974.
- SESBOÛE, B. La divinità del Figlio e dello Spirito Santo. In *Storia dei dogmi. Il Dio della Salvezza*, vol I, p. 213-254.
- SIMONETTI, M. *La crisi ariana nel IV secolo*. Roma: Instituto Patristico “Augustinianum”, 1975.
- STORIA DELLA TEOLOGIA, Vol. I a cura di Enrico dal Covolo, “Dalle origini a Bernardo di Chiaravalle” p. 207-234.
- WOLINSKI, J. “La pneumatologie des pères grecs avant le Concile de Constantinople I”, *Credo in Spiritum Sanctum I*, p. 144-152.

Artigo recebido em 5 de abril de 2016
e aprovado para publicação em 30 de maio de 2016

fendeu as águas diante deles, assegurando para si mesmo um renome eterno; que os fez trilhar pelos abismos como o cavalo trilha o deserto sem tropeçar; como o gado que desce para um vale, assim o Espírito do Senhor os conduziu para o repouso. Assim o conduziste o teu povo, fazendo para ti um nome glorioso”.